

Mano Brown: (auto)representações e mediações na construção de uma figura midiática¹

Jennifer Aline do Lago SOUZA PILEGGI²
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo busca compreender a construção da figura midiática do cantor e entrevistador Mano Brown, a partir do produto da negociação entre seu discurso e a construção da veiculação midiática. Partindo de uma análise sobre o *ethos* discursivo, de Dominique Maingueneau (1997), identifica-se a negociação feita a partir da imagem que Mano Brown articula de si em entrevistas (tanto as concedidas quanto as conduzidas por ele), sendo capaz de construir uma figura de discurso coeso ao longo das décadas. A observação considerou a construção de sua posição discursiva a partir de materiais veiculados em diferentes mídias/produções (jornal *Folha de São Paulo*, programa *Roda Viva* e *podcasts Mano a Mano* e *Podpah*), trazendo elementos que viabilizam a análise de seu posicionamento e construção de sua autorrepresentação.

PALAVRAS-CHAVE: Visibilidade midiática; *Ethos* discursivo; Mano Brown; Racionais MC's; Representação.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 80, Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, começou a se apresentar como integrante do grupo de *rap* Racionais MC's. Nesse período, uma figura de posicionamento “radical”, crítica a diversas formas de opressão e violência, especialmente contra a população negra, pobre e periférica, foi construída e veiculada como parte do movimento *hip hop*, conquistando grande relevância não apenas dentro do próprio movimento, mas também em escala nacional, promovendo discussões nos âmbitos racial, social e político.

Uma das características que o cantor fazia questão de deixar claras era o costume de não se deixar entrevistar, colocando-se claramente em outra chave, que não era a das dinâmicas midiáticas, manifestando-se prioritariamente através de seu produto artístico – suas letras de *rap* baseadas em relatos do cotidiano periférico. Assim, a criação de uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, com bolsa CAPES/PROSUP, sob a orientação do Prof. Dr. Daniel Gambaro. E-mail: jenniferlago53@gmail.com.

figura crítica e muitas vezes vista como “agressiva”³ estava se consolidando e se rebelando contra uma certa estrutura de visibilidade midiática, pois sua conduta ia de encontro ao produto das grandes emissoras: resultados comerciais.

Nesta estratégia de enfrentamento ao “sistema”, Mano Brown exprime uma fala fácil, não maleável, radical e expansiva na defesa de suas ideias (GRECCO, 2007). Posicionamento este que imprime uma figura intensa em seu propósito, capaz de impactar gerações através de suas letras marcadas pela expressão do descontentamento da periferia, bem como pela representação e uma realidade de violência e desigualdade racial e social.

Ao mesmo tempo, ao longo das décadas, temos percebido um movimento dialógico entre o *rapper* e diferentes espaços midiáticos, o que se deu inicialmente de forma tímida, com entrevistas concedidas a uma revista que ele julgava “comunista”⁴ e a um programa em uma emissora que não visava apenas ao lucro e não sustentava uma visão distorcida da periferia⁵. Já na última década, a frequência com que acompanhamos as aparições midiáticas de Mano Brown tem se intensificado – e mais: podemos observar a mutação de uma linha discursiva e o desenvolvimento de uma nova maneira de pensar o discurso da figura que ele representa, a saber, a do negro, periférico e de posicionamento político esquerdista.

Sendo assim, ao acompanhar suas entrevistas e presença em diferentes veículos de comunicação, o público é capaz de construir a representação de uma figura midiática. Nosso objetivo neste artigo é analisar e propor uma articulação das possíveis mediações e negociações sobre o que Mano Brown se dispõe a representar para a mídia e o que propriamente a mídia reproduz de sua proposta. Assim como afirma Silverstone (2002), a mediação compreende uma proposta de circulação de significações, que envolve a produção midiática e o sentido que nós, direta e indiretamente, colaboramos para construir. É nesta chave que se sustenta o fortalecimento de uma figura que encarna demandas por maior representatividade nas últimas três décadas e que, na maioria das vezes, representa e dá voz a minorias e movimentos sociais.

³ Como exemplo dessa imagem, podemos citar o episódio em que os integrantes do grupo Racionais Mc’s foram presos, em 26 de novembro 1994, durante um show no Vale do Anhangabaú, sob a acusação de incitação à violência e ofensa à Polícia Militar através das letras de suas músicas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html> Acesso em: 07 de jul. de 2022.

⁴ Entrevista concedida à revista *Caros Amigos*, Editora Casa Amarela, nº10, 01/98, p. 31.

⁵ Entrevista concedida ao Programa Roda Viva em 2007, na TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg&t=451s> Acesso em: 07 de jul. de 2022.

Nesta perspectiva, abordaremos a trajetória e exposição do *rapper* à luz da construção de um *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 1997), pois a negociação de sentidos por meio da qual se dá sua representação midiática compreende não apenas a veiculação de uma informação ou um depoimento do cantor, mas sim, a construção de sua própria figura, através do ato comunicativo.

[...] o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma “voz”. Esta era, aliás, uma dimensão bem conhecida da retórica antiga que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem. (MAINGUENEAU, 1997, p.45)

Amossy (2005) segue a mesma linha, apresentando que a construção de uma imagem está implícita em todo o ato de se tomar a palavra. As competências enciclopédicas, linguísticas, ou crenças implícitas viabilizam a constituição do locutor. Em outras palavras: o *ethos* diz respeito à construção de uma “imagem de si” (do locutor/emissor/enunciador) no discurso que ele produz, imagem esta que o produtor do discurso busca controlar, à luz de estratégias e intencionalidades específicas.

Ao longo das décadas, não apenas a articulação da imagem de Mano Brown passa a ter mais substratos para análise, como sua participação passa a compor outras frentes de produção artística, como a ocupação do lugar de entrevistador no *podcast Mano a Mano*, produção original Spotify, veiculado a partir do ano de 2021. O programa se tornou objeto de atenção no último ano, uma vez que seu primeiro episódio foi ao ar dia 26 de agosto de 2021 e passou a ocupar o top 10 de *podcasts* mais escutados no tocador, atualmente ocupando o 2º lugar na categoria Sociedade e Cultura⁶.

A ocupação de uma outra frente artística estabeleceu um divisor de águas em sua relação com as redes sociais. É o caso, por exemplo, de sua inclusão no *Twitter* como emoji em março de 2022, que rendeu o seguinte comentário de Mano Brown, em 2022: “É isso mesmo, família, agora algumas hashtags tem um emoji meu exclusivo, vamos começar a usar? obrigado @TwitterBrasil pela parceria #ManoAMano”⁷. Logo após esta movimentação, foi a vez do *rapper* virar garoto propaganda da Netflix, em uma de suas campanhas de divulgação da última temporada da série *Peaky blinders*, veiculada a partir do dia 11 de junho do mesmo ano.

⁶ Informações extraídas de: <https://podcastcharts.byspotify.com>. Acesso em: 16 jul. 2022.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/manobrown/status/1509145941445591047> Acesso em: 16 jul. 2022.

Ao avaliar esses acontecimentos, percebemos o papel fundamental de se compreender a negociação da figura midiática de Mano Brown com os canais de comunicação, pois se trata de uma articulação muito significativa. Quem era o Mano Brown na década de 1980 e quem é o Mano Brown de 2022? O *rapper* e o entrevistador se aproximam? Quais são as articulações propostas a partir do seu discurso e qual figura medeia essa negociação? Para refletir sobre tais indagações, parece-nos fundamental considerar o papel desempenhado pela construção de uma figura midiática que foi capaz de construir um ícone em seu segmento e representar movimentos sociais e políticos.

Neste trabalho, propomos refletir sobre a construção da figura midiática de Mano Brown a partir de produtos audiovisuais que veicularam entrevistas e informações relacionadas ao artista. Considerando as mediações que fazem parte das negociações estabelecidas, buscaremos nos debruçar sobre seu produto, a fim de esboçar as aproximações dialógicas criadas entre as figuras do *rapper* e do entrevistador. Dessa forma, esperamos acompanhar os processos de construção de visibilidade para/por uma voz historicamente subalternizada, que emerge e se consolida na cena midiática.

MANO BROWN: A JORNADA DE UMA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Pedro Paulo Soares Pereira, mais conhecido como Mano Brown, filho de dona Ana, crescido no Capão Redondo, encontrou em suas letras a forma de manifestar sua indignação diante de dinâmicas de opressão vigentes nas periferias de São Paulo, retratando um cotidiano repleto de racismo, violência e crime organizado. Começou a flertar com o movimento *hip hop* ainda jovem, aos 17 anos, nas proximidades do Metrô São Bento, em São Paulo, ao lado de Paulo Eduardo Salvador, o Ice Blue, seu amigo de infância. Em 1988, formalizou um caminho que não tinha mais volta: a formação do grupo Racionais MC's, junto aos integrantes Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

Por meio do movimento *hip hop*, então chegado há pouco tempo ao Brasil, o grupo ficou conhecido por suas batidas ritmadas, letras agressivas e posicionamento radical nos palcos. Sua produção artística envolvia massivamente assuntos como a brutalidade da polícia, preconceito, drogas e exclusão social. Ao longo da trajetória artística do grupo, a estética produzida foi tomando forma, adaptando-se à proposta dos integrantes. Escrevo sobre o álbum *Holocausto Urbano*, produzido em 1990, Walter Garcia afirma:

Deve-se acrescentar que o rap canta o revide, a tática de conseguir *a paz de forma violenta*. Um comportamento, ao que parece, aprendido na própria luta contra as

formas de violência que valorizam ou depreciam a cor da pele e que não respeitam delicadeza, inteligência, bondade, timidez, fraqueza (GARCIA, 2013, p. 89, grifo do autor).

As letras seguem se adaptando, com um propósito de adensar a crítica às injustiças e reação violenta, o que observamos no álbum *Raio X do Brasil* (1993). Ainda segundo Garcia (2013, p.89): “[...] sua estrutura é do tipo épico, não mais do dramático como em ‘Hey Boy’. A mudança permite que o rapper construa com bastante requinte o seu ponto de vista: mais do que ao lado, o narrador se situa no mesmo lado do protagonista”.

À medida que o grupo vai ganhando notoriedade perante o público, seu posicionamento vai se fortalecendo de forma radical, traçando seu caminho à margem do *mainstream*, com o propósito de se apresentar apenas para a periferia, recusando-se a conceder entrevistas para os grandes veículos midiáticos. A década de 1990 foi retratada por essa característica do grupo, marcado por um grande sucesso e consolidação de uma carreira longe das grandes mídias, com pouquíssimas entrevistas, mas, ainda assim, não passando despercebido pela mediação dos grandes veículos.

A partir dos anos 2000, percebemos um movimento caracterizado por aparições tímidas, com breves flertes com a TV aberta, em programas da TV Cultura⁸, revistas como a *Rolling Stone Brasil* (2009 e 2013) e periódicos como o *Jornal da Tarde* (2006). Desde então, Mano Brown passa a ter uma frequente aparição e envolvimento com entrevistas, não apenas concedendo, mas colocando-se no papel de entrevistador.

Assim, ao longo dos anos 2010, podemos acompanhar Mano Brown em entrevistas e exposições públicas com maior frequência e de forma muito mais descontraída, mesmo sem deixar seu posicionamento de lado. Protagonizou, ao lado de João Gordo (2015), o *Panelaço com João Gordo – Peixe de Tofu com Mano Brown*⁹; na TV Santos (2019), esteve em *Mano Brown como você nunca viu*¹⁰.

Podemos avaliar que, no acompanhamento de sua trajetória no grupo Racionais MC’s, uma figura é construída, uma figura mediada através de um *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 1997), apresentado na forma com que escreve e interpreta suas letras, em seu modo de se vestir, em seu posicionamento e discursos em shows, bem como em sua opção por *não* se relacionar com a grande mídia. Assim, o que este artigo pretende

⁸ Mano Brown esteve nos Programas *Ensaio* (2003) e *Roda Viva* (2007). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NslbaH9s-1w> e <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YOQFT38VU1E>. Acesso em: 18 jul. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NNroEnlPcjA>. Acesso em: 18 jul. 2022.

discutir compreende esta construção protagonizada por seu discurso, mediado pelos veículos midiáticos, abarcando sua trajetória e posicionamento ao longo das décadas, de modo que seja possível compreender as aproximações dialógicas criadas entre a figura do *rapper* e a figura do entrevistador.

A TRAJETÓRIA DE UM DISCURSO MIDIÁTICO

O olhar dos indivíduos para a configuração e o cotidiano sociais é, sem dúvidas, impactado e construído com participação significativa dos discursos midiáticos. Segundo Martín-Barbero (1997), este papel está intrinsecamente ligado à incorporação das tecnologias de mídia como consequência no amplo desenvolvimento das culturas nacionais, mediando a relação dos indivíduos diversas com matrizes culturais.

Quando falamos de mediação, propomos um olhar voltado para a negociação entre as representações construídas pelos meios de comunicação e a recepção apresentada pelo consumidor de tais conteúdos. Martín-Barbero (1997) afirma que uma estrutura midiática não possui vontade hegemônica sobre o entendimento do público, mas articula um papel de negociação com os receptores desta mensagem, levando em consideração suas matrizes culturais, ideológicas, capacidade de interpretação e recirculação. Sobre sua circulação, Couldry (2008, p. 380) afirma:

A mediação, no sentido em que estou usando o termo, descreve o processo fundamentalmente (ainda que desigualmente) dialético no qual os meios institucionalizados de comunicação (imprensa, rádio e televisão, e cada vez mais a internet) estão envolvidos na circulação geral de símbolos na vida social.

Esta mediação articula uma “negociação resultada por fluxos de produção, circulação, interpretação e recirculação” (COULDRY, 2008, p. 383). Nesse sentido, é essencial compreender como se dá esta regulação de discursos em busca de (re)configurações da cidadania, das formas de reconhecimento, em como podemos identificar as negociações cotidianas formadas pelos atores e sujeitos com o poder e as instituições (MARTÍN-BARBERO; GERMÁN, 2001).

Nessa chave de negociação e articulação entre a mídia e o receptor é que se encontra a construção da figura midiática de Mano Brown. Sob a lógica de um *ethos* discursivo, é possível propor uma avaliação deste desenho do *rapper* ao longo dos anos, considerando seu discurso composto por características que o fizeram ser reconhecido como um ícone na cultura *hip-hop*.

Segundo Maingueneau (2020, p.9), a construção do *ethos* discursivo se baseia em viabilizar ao destinatário a capacidade de “construir uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo, [...] pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados”. Esta articulação entre a interpretação e avaliação dos signos enviados atribuem uma eficácia ao *ethos*, contribuindo para o envolvimento de uma enunciação não explícita no enunciado.

Tom de voz, ritmo da fala, seleção vocabular e argumentos, gestos, expressão facial, olhar, postura, figurino etc. são igualmente signos elocutórios e oratórios, indumentários e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica (DECLERCQ, 1992, p.48 *apud* MANGUENEAU, 2020, p.10)

Esta construção nos permite olhar para o *corpus* deste artigo, de modo que consigamos avaliar a forma com que a mídia mediou a compreensão da figura de Mano Brown ao longo das décadas, por meio da veiculação de enunciados e declarações do artista. A proposta é que possamos avaliar quatro produtos veiculados em três décadas diferentes, a fim de acompanhar o desenvolvimento do *rapper* e analisar possíveis caminhos que parecer ser configurados através de seu posicionamento.

Assim, a discussão proposta se baseará em: (i) fragmentos de matérias veiculadas pelo jornal e pela revista *Folha de São Paulo* entre os anos 1994 e 2013, material que nos fornecerá uma análise plural do olhar sobre o cantor ao longo de duas décadas; (ii) entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, na TV Cultura, no ano de 2007; (iii) entrevista concedida ao *podcast Podpah*, transmitido atualmente pelo Youtube e Spotify; e (iv) fragmentos de entrevistas que integram episódios do *podcast Mano a Mano*, nas quais o *rapper* se coloca na figura de entrevistador.

Folha de São Paulo e o rap visto de fora

O grupo de rap Racionais MC's surgiu no final da década de 1980 se apresentando para a periferia, entretanto, à medida que os anos 1990 chegaram e os álbuns foram produzidos, ganhando notoriedade do público através do apelo de suas letras, o grupo chamou a atenção da grande mídia. A revista da *Folha de São Paulo*, em publicação do dia 17 de abril de 1994, aponta:

A novidade se chama Racionais MC's. Eles são negros, bravos e malvados, cantam rap e não fazem concessões. Estão com a agenda de shows lotada, venderam muito bem seu último disco (sem versão em CD e de uma gravadora pequena) e frequentam o topo das listas de músicas das FMs. O quarteto

protagoniza um arrastão sonoro na praia da “playboyzada”, trazendo junto um universo rapper até então desconhecido. E os banhistas aplaudem de pé e pedem bis (DÁVILA, 1994, *online*).

A matéria destaca que, menos de um mês antes, o movimento estava estourando no meio da classe média. O texto ocupa pelo menos cinco páginas da revista, mas pouco retrata a fala direta do grupo; o jornalista responsável pela pauta reúne a fala das pessoas que acompanham a rotina do grupo de *rap*. Ao entrevistar o grupo em uma sorveteria, aproveita e colhe o depoimento do dono do estabelecimento, que afirma: “A gente vê quatro negões, pensa logo em confusão, mas esse aí são da paz, só tomam refrigerante, dão bons conselhos à meninada”. Já o dono da gravadora que produziu o disco dos Racionais declara: “Os Racionais nasceram aqui, não tem interesse de se afastar da comunidade. Pode até ser que virem moda, igual o Gabriel (o Pensador). Mas ele não é rapper, e sim um artista pop”.

Em contraposição ao que menciona a chamada da matéria (isto é, a tese de que os Racionais teriam caído no gosto da “playboyzada”), Mano Brown afirma: “O quê? Os Racionais se vendendo ao ‘sistema’? Não, mano, só se eles aceitarem nosso esquema. Não fazemos música para agradar ninguém, nem a playboyzada. Se eles gostam da mensagem, querem ajudar, tudo bem”.

Ao final da entrevista, é apresentada uma lista de perguntas e respostas para cada integrante do grupo. Mano Brown, na época com 23 anos, no início de sua carreira artística, fala brevemente sobre lazer, cultura e raça; quando questionado sobre política, mostra seu afeto pelo PT e diz que não tem boas recordações da imprensa. Conforme suas palavras: “90% do que é falado é distorcido”. Para um questionamento a respeito da polícia, ele afirma: “Se eles fizerem alguma coisa contra os Racionais, estão mexendo com a massa”. E, por fim, diz que gostaria de estudar jornalismo: “Descobri que tenho tendência, um certo dom. O rap tem a ver com a notícia”.

No ano de 2002, a redação da *Folha* publicou uma crítica sobre o lançamento do álbum *Nada como um dia após o outro dia*, na qual se lê, a respeito de Mano Brown:

Sim, Mano Brown quer ser um cara legal. É paternalista, vê-se. Aconselha sempre que pode. Dá dura se for preciso. Faz em disco, no atacado, o que lhe cobram tanto no corpo-a-corpo, sussurrando ao pé do ouvido, à porta dos shows, nos camarins (FOLHA DE S. PAULO, 2022, *online*).

[...] Racionais é diversão, que dúvida. Mas ainda não cede ao atacadão de entretenimento que tomou conta da produção, repleta de “parques temáticos” do sobe e desce do rebola-bola (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002).

Por fim, em 2013, o mesmo jornal publicou matéria intitulada “Racionais de butique: voz da periferia grupo de rap faz show expresso para ‘mauricinhos’ em balada na Vila Olímpia”. O texto aborda show feito na Royal Clube, em São Paulo, e afirma: “Os Racionais, até o fim dos anos 90, tocavam apenas em casas dedicadas ao rap. Mano Brown dizia (e cantava) não gostar de playboys. A presença do grupo num lugar como a Royal seria impensável há dez anos” (MACHADO, 2013). Na sequência, a matéria aponta que o show havia durado apenas uma hora e que nem o grupo e nem o público pareciam empolgados: “Mano Brown *só* cantou. Não fez nenhum de seus famosos discursos. Disse: Obrigado, São Paulo, segunda é dia de trampo” (MACHADO, 2013).

Retomando Maingueneau (2020), o autor aponta que o *ethos* é uma construção discursiva, que envolve um processo interativo de influência mútua – no caso desta análise apresentada, é possível falar em uma interação entre mídia e recepção do público, como atores da negociação. A partir desta construção discursiva mediada por veículos de comunicação – e, mais especificamente, pelo jornal Folha de São Paulo (1994-2013) –, acompanhamos algumas formulações que representam a trajetória de um Mano Brown *negro, bravo, malvado* e que *não faz concessões*; que ao mesmo tempo em que afirma não comungar com a “playboyzada”, faz show em casas noturnas de elite. Ao mesmo tempo que os textos apresentam um corpo político e inflexível com a grande mídia, buscam retratar um Mano Brown controverso – imagem possivelmente reforçada pela forma como fragmentos de falas do artista são incorporados às matérias.

Mano Brown em sabatina no *Roda Viva*

Mano Brown concedeu entrevista ao Programa Roda Viva, na TV Cultura, no ano de 2007, pois, segundo o *rapper*, a emissora não compactuava com as mesmas premissas da grande mídia. Isso porque a TV Cultura de São Paulo “é uma emissora estatal de propriedade do governo estadual de São Paulo e se constitui em uma emissora regional de baixa audiência, escolhida na seleção do grupo provavelmente por uma programação eminentemente educativa” (GRECCO, 2007, p. 88).

Na entrevista, Mano Brown é questionado sobre seu posicionamento político, o cotidiano na periferia e sua carreira. No entanto, dois momentos, chamam a atenção: no primeiro, o jornalista da TV Cultura Renato Lombardi pede para que Mano Brown explique a auto caracterização que faz em uma de suas músicas:

[Renato Lombardi:] Quando você canta: “Nas ruas da sul eles me chamam Brown, maldito, vagabundo, mente criminal”, o que você quis dizer aí?

[Mano Brown:] Antes de tudo isso é uma rima, a gente faz assim pra ficar bem pá mesmo (alguns dão risada). (Ele aponta para outro entrevistador e diz) Você que é de música tá ligado. E também a realidade tá explícita, a mente é isso mesmo, as pessoas me chamam de Brown mesmo. Eu sou criminoso sem ser. Ou sou, entendeu? Talvez eu seja realmente. Na verdade, nós somos, aqui todo mundo é criminoso. Quando a gente aceita o Brasil que a gente vive e a gente tira onda, vai tomar cerveja, comer pizza, fazer samba, nós somos criminosos (RODA VIVA, 2007, s./p.).

O segundo momento é protagonizado por Paulo Lima, na época jornalista da revista *Trip*, que abordou a questão de o *rapper* controlar sua exposição na mídia:

[Paulo Lima:] A gente sabe que você controla sua exposição na mídia. Por que você veio aqui? Por que você escolheu o Roda Viva?

[Mano Brown:] É um programa que eu já assisti, várias vezes mesmo sem ter muita noção do assunto porque as palavras eram meio difíceis. Mas eu prestava atenção no comportamento do cara que tava sendo entrevistado. Já vi uns caras que tomaram pancada, hoje tá até que suave, to até estranhando. (RODA VIVA, 2007, s./p.)

Nesta passagem pela TV Cultura, Mano Brown mantém seu discurso voltado para um posicionamento radical, porém, não associado ao discurso monológico que predomina em seus shows, mas sim, privilegiando um campo de interação. Maingueneau (2020, p. 26-27) afirma que “nas interações, os lugares dos parceiros são sempre negociáveis e o desenvolvimento do texto não obedece a restrições macroestruturais fortes”. Nessa situação, o locutor não está em um quadro estável, capaz de controlar plenamente sua enunciação, o que marca um desafio de manutenção de sua personalidade em destaque.

No momento em que Renato Lombardi pede para que Mano Brown explique sua autorrepresentação em uma letra de música, o *rapper* busca explorar outras instâncias argumentativas para significar a palavra “criminoso” no programa de TV; ainda assim, busca uma chave dialógica que coaduna com seu discurso: “Quando a gente aceita o Brasil que a gente vive e a gente tira onda, vai tomar cerveja, comer pizza, fazer samba, nós somos criminosos”.

Em um conhecimento prévio que os jornalistas já possuíam do *rapper*, Paulo Lima pergunta o motivo pelo qual Mano Brown aceitou o convite para estar no *Roda Viva*. Uma forma de tentar desconstruir a figura radical do cantor? Tentativa em captar algum traço de mudança do artista? Talvez. Ainda que a análise dos enunciados possa nos dizer da intencionalidade de seus produtores, uma compreensão plena de suas possibilidades interpretativas, como nos lembra Martín-Barbero (1997), dependeria de um estudo

sistemático das mediações que atuam na recepção midiática – objetivo que, embora relevante, foge às nossas possibilidades neste artigo.

Um novo Mano Brown: figura ilustre no *Podpah*

Em março do ano de 2022, após 350 episódios de um dos *podcasts* mais famosos do Brasil, o *Podpah*, apresentado por Igor Cavalari (Igã) e Thiago Marques (Mítico), recebeu Mano Brown para um papo.

Bem-humorado, em um outro momento de sua trajetória, o artista começa a conversa falando do Santos, seu time do coração, e embarca em uma jornada contando sua história e relembrando controvérsias, de forma leve e transparente. O *rapper* radical da década de 80 e 90 afirma no começo da entrevista, quando relembra o período da pandemia: “Eu fui estudar o novo movimento que elegeu esse presidente [...] eu fui ler uns professores de história deles, os caras têm o viés deles, eu tenho o meu. [...] Não tenho disposição para essa guerra filosófica dos caras que não leva a lugar nenhum” (Mano Brown apud PODPAH, 2022, s./p.).

Ainda em sua fala, diz que não estava a fim de “pregar para convertido” (o campo da esquerda) no período de pandemia, por isso, teria ido estudar. Nesse espaço de tempo, surgiu o projeto do programa *Mano a Mano*, iniciativa de Mano Brown apresentada ao Spotify. No início, a proposta era fazer um *podcast* contando as histórias do *rapper*. Foi assim que o *streaming* mais *mainstream* do momento recebeu uma proposta para veicular um programa de histórias do Mano Brown.

[Igor Cavalari:] O que você está achando da experiência de ter um podcast, de conversar com as pessoas?

[Mano Brown:] Eu tô com uma idade que eu quero fazer muita coisa que eu queria ter feito, que eu não tinha a capacidade antes, como voltar a estudar. E por que eu digo isso? Porque o podcast foi sair da zona de conforto; o que eu tô sempre tentando sair na música, dessa vez eu radicalizei.

[Igor Cavalari:] Foi para a comunicação.

[Mano Brown:] É, poderia me expor muito, poderia mostrar umas puta fraqueza minha, no primeiro programa. O contratante falar: Brown, sinto muito, gosto muito das suas músicas, cresci te ouvindo, mas não dá. (PODPAH, 2022)

Esta fala apresenta um Mano Brown muito mais vulnerável, no sentido de estar aberto à negociação de sua imagem com o interlocutor. Nesse sentido, o locutor se coloca em uma posição de não controlar totalmente o cenário da construção discursiva de seu *ethos* e expressa o receio da exposição.

[Thiago Marques:] [...] esse bate papo é uma das coisas mais aguardadas da internet, porque a galera queria ver você conversando com dois caras aleatórios. [Mano Brown:] Dois cara daora, que faz sucesso pra caralho e tá contando forte. Nem vem com essa, tio. Esse personagem seu não existe mais. Vocês são uns caras formadores de opinião, pesadão. (PODPAH, 2022)

Quando Mano Brown afirma que os apresentadores do *podcast* como figuras de sucesso e relevância (“contando forte”), ele está colocando os dois em uma chave de formação de opinião. Dessa forma, o *rapper*, ao se inserir no mesmo contexto de apresentador, levando em consideração sua notoriedade no *streaming*, também se declara formador de opinião – aspecto que parece decisivo à forma como Mano Brown busca construir sua identidade enunciativa em aparições midiáticas recentes.

O Mano, no *Mano a Mano*

Fechando a análise do *corpus* em foco neste trabalho, debruçaremos agora sobre o objeto mais relevante na caracterização da figura midiática de Mano Brown atualmente: o *podcast Mano a Mano*, que rendeu milhares de *views*, um dos programas mais ouvidos no ano de 2021 e recém ganhador do prêmio de melhor programa de *podcast* do Festival de Cultura Pop da Comic Con Experience de 2022.

O *podcast* possui um formato não convencional do ponto de vista estético (ao menos, quando comparado com programas de entrevistas mais tradicionais, particularmente os televisivos), pois veicula entrevistas longas, com duração média de uma hora e meia; mas, em alguns casos, a depender do entrevistado, as entrevistas excedem duas horas e meia.

Os entrevistados são, em sua maioria, pessoas negras, o que parece indicar com a preocupação, por parte da instância de produção do *podcast*, com a questão da representatividade racial. Há, evidentemente, exceções; mas, mesmo nos casos de entrevistados/as não negros/as, temáticas político-sociais parecem ocupar o centro do programa. No episódio que teve Lula como entrevistado, por exemplo, Mano Brown relembra o episódio em que expôs publicamente críticas à candidatura do PT nas eleições presidenciais de 2018:

A minha figura foi associada à sua figura, que eu nunca neguei isso, nunca fui neutro. Quando tinha que mostrar a cara, eu mostrei a cara e meus amigos; o hip-hop no todo estava do seu lado, do lado do Haddad, do lado das ideias, das oportunidades iguais. E quando eu vi naquela oportunidade que a gente tinha perdido e eu vi os nossos debandarem.

Aquilo me causou revolta, porque cheguei lá, tava tendo uma festa e eu fui em clima de velório. E a festa me irritou, eu sabia que a gente tinha perdido a eleição. Eu sabia que aquilo seria fatal para a favela. E a favela tinha sido enganada. (Mano Brown *apud* MANO A MANO, 2021a, s./p.).

Debatendo assuntos importantes, interessantes e controversos: é assim que Mano Brown descreve a chamada de seu programa no início de cada episódio. O *rapper* se revela o entrevistador que vai abordar uma série de questões que tangenciam os movimentos sociais. Seus entrevistados permitem que as pautas permeiem a defesa da periferia, o movimento negro, a política de esquerda – mesmo quando o entrevistado foi Fernando Holliday, vereador do estado de São Paulo, pelo Partido Novo.

Mano Brown, como mencionado na entrevista ao *Podpah*, aproveita para relacionar sua história aos momentos históricos relacionados à economia, como afirma durante entrevista concedida por Emicida ao *Mano a Mano*: “O preço da comida nos anos 90 era muito maior que agora. Era muito caro comer, eu lembro que o orçamento de um pai de família, a comida ocupava uns 70%. Era um crime você chegar na hora do almoço na casa de alguém, ficava um clima chato” (Mano Brown *apud* MANO A MANO, 2022).

Mesmo em um ambiente não controlado, pois o discurso é negociado entre entrevistador e entrevistado ao longo das entrevistas, Mano Brown fortalece em sua narrativa os valores que afirmava nos anos 1990 em favor das bandeiras do movimento negro, periférico e de esquerda. Ao longo do tempo, percebemos que a figura midiática do *rapper* passou por diversas negociações, até chegar a um amadurecimento expresso na ocupação da figura de entrevistador, que ocupa um lugar no *mainstream*, premiado em uma categoria de cultura pop, mas utiliza essa posição para reafirmar posicionamentos expressos em outros momentos de sua carreira.

Enfim, um contador de histórias?

Pedro Paulo Soares Pereira chega ao ano de 2022 com uma contribuição ímpar não apenas para o movimento *hip-hop*, como para a representação das pessoas negras e periféricas em espaços midiáticos.

Pudemos acompanhar um movimento de transição na postura do *rapper*, que reflete transformações e reiteraões em seu posicionamento ao longo das décadas. Dos anos 1980 para cá, vemos uma flexibilização de Mano Brown no que diz respeito às concessões e aparições que ele mesmo negocia com diferentes veículos midiáticos. Estes, por sua vez, fizeram questão de retratar a peculiaridade de uma figura inflexível,

supostamente agressiva e radical do ponto de vista dos valores das classes médias e da elite, embora tenham se mostrado também interessados em compreender melhor os posicionamentos do artista e conceder-lhe voz.

Do *rapper* ao entrevistador, é curioso pensar que houve uma inversão de papéis no meio do caminho. Porém, se revisitarmos a entrevista que foi concedida à revista da *Folha de São Paulo*, Mano Brown já expressava desejo em ser jornalista, conectando o rap à construção da notícia – ao mesmo tempo em que se mostrava crítico à imprensa. Talvez seja esse o ponto que trouxe e traz tanta notoriedade para Brown como entrevistador: ele é um contador de histórias. Um contador das histórias cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um discurso é muito mais que a mensagem propriamente dita. Ela é capaz de traduzir sentidos negociados na construção de uma imagem, de um posicionamento e, sem dúvidas, determinar alguns elementos de sua recepção.

Quando falamos de Mano Brown nos anos 1980 e 90 e de Mano Brown hoje, verificamos o movimento discursivo descrito por Amossy (2005, p.16), segundo o qual “[...] o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

No início de sua carreira, o *rapper* falava para um público que possuía um saber prévio sobre os símbolos tratados em seu discurso, viabilizando uma aceitação do destinatário e possibilitando sua aceitação como figura representante de uma causa eminente. Com o decorrer dos anos, uma abertura de públicos foi negociada, processo que envolveu modulações na forma como Brown busca legitimar seus enunciados.

Independentemente de sua estratégia de exposição, os códigos estabelecidos em suas crenças e bandeiras defendidas, podemos acompanhar e participar de uma fala fortalecida, capaz de representar – como ele mesmo afirma – uma massa que hoje tem oportunidade, por meio das mídias digitais, de se sentir representada, participar de um movimento e reconfigurar posições historicamente construídas na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOLHA DE S. PAULO. CD radicaliza experiência de ‘Sobrevivendo no Inferno’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15, jul. 2002. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15407&keyword=Brown%2CMano&anchor=101262&origem=busca&originURL=&pd=> Acesso em: 20 jul. 2022.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA. **Mano Brown**, 2021. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa530982/mano-brown>. Acesso em: 18 jul. 2022.

DÁVILA, Sérgio. Raivosos, racionais, Racionais MC’s. **Revista Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 abr. 1994. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12396&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5643454&origem=busca&originURL=&pd=e045e9cdaf144b596f088a0025c2923b> Acesso em: 20, jul. 2022.

GARCIA, Walter. Elementos para a crítica da estética do Racionais MC’s (1990 – 2006).

Ideias, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 81–108, 2013. DOI: 10.20396/ideias.v4i2.8649382. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649382> Acesso em: 18 jul. 2022.

GRECCO, Anderson da Costa e Silva. **Racionais MC’s: música, mídia e crítica social em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC São Paulo, São Paulo, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Martins Fontes, 1997.

_____. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MACHADO, Leandro. Racionais de butique. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17. set. 2013. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19620&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5893731&origem=busca&originURL=&pd=98d568f07f0e55c3fec00b65bc9d8f0c> Acesso em: 20, jul. 2022.

MANO BROWN ENTREVISTA LULA. **Mano a Mano**, São Paulo. Spotify, 9. set. 2021a.

MANO BROWN ENTREVISTA FERNANDO HOLIDAY. **Mano a Mano**, São Paulo. Spotify, 30.set. 2021b.

MANO BROWN ENTREVISTA EMICIDA. **Mano a Mano**, São Paulo. Spotify, 24. mar. 2022.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC-SP, 2001.

MANO BROWN #351. **Podpah**, São Paulo. Youtube e Spotify, 8, mar. 2022.

REDE BRASIL ATUAL. **Mano Brown fala de sonho funk, história do rap e de arte ante Bolsonaro**, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2018/11/mano-brown-do-papel-da-arte-no-governo-bolsonaro-ate-a-historia-do-rap-nacional/> Acesso em: 18 jul. 2022.